

A literatura indígena dos Maraguá: da produção à publicação

Francisco Bezerra dos Santos (UFPR)*

<https://orcid.org/0000-0002-2983-5410>

Resumo:

Este trabalho apresenta considerações sobre a produção literária dos Maraguá. Essa etnia se configura na atualidade como a maior produtora de literatura indígena do Estado do Amazonas, com cinco escritores em atuação. Nossas considerações abrangem o processo de produção dessas narrativas, oriundas da oralidade e dos saberes ancestrais, e a publicação dessas obras. Nosso estudo apresenta ainda um mapeamento das obras publicadas por essa etnia e discussões sobre os incentivos e os desafios enfrentados, que vão desde o não reconhecimento dessa literatura pelo campo literário, até questões concernentes à situação histórico-social desses escritores. O referencial teórico foi constituído, sobretudo, pelas concepções de Souza (2003), Almeida e Queiroz (2004), Santos (2020) e outros estudiosos que compreendem essa literatura como um espaço fecundo para se pensar as questões de representatividade na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura indígena; Maraguá; Ancestralidade.

Abstract:

The indigenous literature of the Maraguá: from production to publication

This paper presents considerations about the literary production of the Maraguá. This ethnic group is currently configured as the largest producer of indigenous literature in the state of Amazonas, with five active writers. Our considerations cover the production process of these narratives, which come from orality and ancestral knowledge, and the publication of these works. Our study also presents a mapping of the works published by this ethnic group and discussions about the incentives and challenges faced, ranging from the non-recognition of this literature by the literary field, to issues concerning the historical and social situation of these writers. The theoretical reference was constituted, above all, by the conceptions of Souza (2003), Almeida and Queiroz (2004), Santos (2020) and other scholars who understand this literature as a fertile space to think about the issues of representativity in contemporary times.

Keywords: Indigenous Literature; Maraguá; Ancestry.

* Doutorando em Letras – Estudos Literários, pela Universidade Federal do Paraná – UFPR e Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: francisco.santos362@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5006822830827676>.

Considerações iniciais

A produção de livros já é uma realidade para muitos povos indígenas no Brasil. Todo esse processo de registro das narrativas que antes faziam parte unicamente do âmbito oral, é parte do interesse de autoridades étnicas e intelectuais/escritores que enxergam esse material como uma forma de diálogo com a sociedade hegemônica.

O primeiro passo que contribuiu grandemente para alavancar essa produção foi a conquista de uma educação diferenciada que priorizasse a manutenção de seus idiomas originários e suas identidades. Mas é preciso lembrar, que isso foi conquistado há pouquíssimo tempo, mais precisamente em 1988, com a nova versão da Constituição Brasileira, que contou com a participação de indígenas na sua elaboração. Do mesmo modo, outras conquistas também reforçaram os direitos educacionais das comunidades tradicionais. Nesse contexto, os professores indígenas começam a registrar os mitos, os rituais, os cânticos e outras manifestações artísticas para uso pedagógico, mas que se expande para além da escola e da aldeia a partir de projetos para legitimar essa literatura.

Os escritores da etnia Maraguá iniciaram suas publicações a partir do ano 2000 com o protagonismo de Yaguarê Yamã, considerado como um dos incentivadores dos novos escritores do povo. Hoje, a etnia conta com cinco escritores em atividade, que além da literatura atuam ministrando palestras, lecionando e militando na causa indígena.

A literatura produzida por esse grupo prioriza a recriação dos mitos originários da etnia, os símbolos coletivos presentes nas ilustrações, entre outras informações para a compreensão da organização social desse grupo. Suas obras são em grande maioria

dedicadas a leitores em formação. Os autores entendem que as novas gerações precisam ter contato com a diversidade cultural indígena brasileira, e isso pode ser feito por meio do livro.

Diante disso, neste trabalho, é nosso objetivo discutir o processo de produção e publicação das obras dos escritores Maraguá. Nossas discussões buscam elucidar ainda as características dessa literatura emergente, assim como as condições histórico-sociais desse grupo de escritores. Para efeito de sistematização, o trabalho ficou organizado da seguinte maneira: inicialmente apresentamos os aspectos gerais dos Maraguá, e de forma cronológica situamos a entrada de cada escritor no mercado literário, bem como realizamos o levantamento dos títulos publicados pelos escritores da referida etnia. E não menos importante, trouxemos considerações sobre o apoio e os impasses vivenciados por esses escritores para a publicação de suas obras, assim como a busca por espaço e autoafirmação por meio das publicações.

Os Maraguá e a produção de literatura

Antes de adentrarmos propriamente nas discussões sobre a produção literária Maraguá, a fim de compreendermos melhor esse contexto, convém conhecermos a etnia que dá base a esse grupo de autores. Para tanto, algumas obras dos próprios escritores foram úteis, uma vez que nelas é possível retirar muitas informações para se entender o panorama atual dessa etnia.

Os Maraguá estão situados hoje na região do rio Abacaxis, nas proximidades dos municípios Nova Olinda do Norte e Borba, no Amazonas. Esse território é denominado de *Maraguapajy*, o país dos Maraguá, com

uma área de aproximadamente 700 mil hectares. Esse grupo étnico é de origem Aruak, com forte influência Tupi. Seus integrantes falam a língua Maraguá, um idioma misto de Nheengatu e Aruak, e sua cultura se baseia na antiga cultura tapajônica.

A nação Maraguá se distribui em quatro aldeias, todas situadas às margens do rio Abacaxis. Sua população nessa área é de pouco mais de 350 pessoas. A divisão do grupo é feita por clãs, mais precisamente em seis principais: *Piraguáguá*, *Çucuyegué*, *Pirakêguá*, *Tawatoguá*, *Aripunaguá*, *Tawatoguá* e *Yaguareteguá*, cada um deles representado por um animal, porém, a nação como um todo tem como símbolo o *Guarunguá*, o peixe-boi.

A história da etnia Maraguá foi descrita no livro *Maraguápéyára* (2014), organizado por Yaguarê Yamã, Elias Yaguakãg, Roní Wasiry Guará e Uziel Guaynê. A obra é dividida em oito capítulos com os seguintes temas: a origem da etnia, a cultura da caça e da pesca, cultura e sociedade, a cultura material, a cultura agrícola, a cultura do sagrado, a cultura das histórias de assombração e cultura infantil.

Na referida obra, é possível compreender que a manutenção da etnia é marcada por manifestações que reforçam os laços em comunidade. Tais manifestações são caracterizadas por mudanças nas etapas de vida dos indígenas Maraguá em sociedade, como por exemplo, os ritos de passagem ainda hoje praticados pela etnia, a saber: o *Wakaripé*, ritual para tornar o indígena do sexo masculino adulto, o *Gualipãg*, ritual para tornar-se caçador, guerreiro-chefe, *Waiperiá*, ritual da tucandeira e *Piãg'agiré*, o ritual da menina moça.

Conforme consta na obra supracitada, os Maraguá têm estreita relação com heranças culturais advenientes do convívio com a et-

nia Sateré-Mawé, isso é comprovado com a prática do ritual da tucandeira, *Waiperiá*. Todavia, os Maraguá buscam através de ações resgatar a cultura ancestral por meio de práticas como o ritual *Wakaripé* reavivado pela etnia.

A arte de contar histórias é aprimorada desde cedo entre os indivíduos dessa etnia. O *Morôgetáçara* (contador de histórias) é uma personalidade querida e requisitada nas rodas de conversas, de trabalhos comunitários e festejos. Suas histórias de assombrações são temas sempre presentes nas obras produzidas pelos escritores dessa etnia.

Nesse compasso, entende-se que uma das formas de manutenção e propagação das histórias desse grupo é através da oralidade. Na mão dos escritores Maraguá, a oralidade torna-se um dos elementos constituintes de suas literaturas. É por meio desses contadores de histórias, que os escritores reescrevem os seus mitos. Portanto, nesse processo tradutório, devemos compreender a oralidade não como a ausência da escrita, assim como a escrita não é um fenômeno que se sobrepõe à oralidade.

Os aspectos políticos da etnia também devem ser enfatizados. Os Maraguá organizam-se em torno de duas associações: a Associação do Povo Indígena Maraguá (ASPIN) e a Associação de Mulheres Indígenas Maraguá (AMIMA). O objetivo de se organizarem em associações é fortalecer a luta pela demarcação de seu território.

Entre os Maraguá, o ato de produzir literatura ainda é uma prática muito nova, assim como para muitas populações indígenas brasileiras, que há pouco tempo tem investido no registro de suas histórias. É mais precisamente nos anos 2000 que Yaguarê Yamã lança *Mapinguary, o dono dos ossos: contos indígenas de assombração*, publicado pela

editora Mercuryo Jovem. O referido autor lança-se no mercado editorial com o apoio de outros líderes como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara, Kaká Werá Jecupé, e outros que se organizam em associações para promover a literatura indígena brasileira.

Na atualidade, o povo conta com cinco escritores em atuação, um grande avanço quantitativo, uma vez que a etnia é a maior produtora de obras e com o maior número de escritores no Amazonas. Diante disso, é preciso lembrar que a literatura indígena no Brasil passa a ser percebida por intermédio de ativistas indígenas e não indígenas. Na visão de Souza (2003), esses escritos são a representação de uma coletividade desenvolvida nos cursos de formação de professores indígenas que têm como foco não apenas formar professores, mas também elaborar metodologias, programas e materiais didáticos diferenciados. É a partir disso que as comunidades indígenas no Brasil tentam se apropriar de suas vozes narradoras, e começam a colocar no papel suas tradições em língua portuguesa, abandonando desse modo, a transcrição e a narração pelo olhar do outro.

É um movimento intencionalmente produzido por lideranças, intelectuais e professores indígenas, com assessoria dos “brancos”, que têm claramente se posicionado a favor da emancipação desses povos. Sua pertinência para os estudos literários consiste, sobretudo, em seu produto principal, o livro indígena. Essa constatação faz admitir a autoria coletiva e assumir um conceito mais pragmático de literatura (ALMEIDA; QUEIROZ, 2014). Nas palavras do escritor indígena Kayapó, Edson Brito:

As editoras e os leitores brasileiros estão redescobrimo o Brasil, ou pelo menos estão descobrimo histórias, gestos e ações pouco conhecidas na literatura nacional, graças ao

protagonismo de indígenas que entram em cena neste campo. Nós, indígenas, temos nas mãos a oportunidade de contribuir na revisão da história [...].

Está claro que os povos indígenas brasileiros estão vivos, ativos e reativos, por mais que a história oficial e a literatura nacional tenham silenciado essa condição. A incipiente literatura indígena escrita é a prova cabal de que estamos em movimento e resistimos historicamente às adversidades: temos muitas histórias pra contar (BRITO, s/d, s/p, apud GUESSE, 2014, p. 61).

Entre os Maraguá, o protagonismo de Yaguarê Yamã é crucial para o surgimento de novos escritores da etnia. Além de escritor, é também artista plástico, tendo ilustrado algumas de suas obras. Yamã morou em São Paulo, período em que se dedicou à sua formação superior na área de Geografia. Nesse período também ministrava palestras na área ambiental e de temáticas indígenas. Atualmente mora na aldeia *Yaguawajar*, onde atua no movimento indígena como líder do povo Maraguá. Presentemente possui mais de vinte obras publicadas, alguns de seus livros fazem parte de programas federais como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE).

Para compor suas narrativas, o autor se vale dos símbolos e histórias passadas de sua etnia, bem como de lembranças de sua infância na aldeia em que a figura do pai como grande contador de histórias serve de inspiração para suas criações. Em entrevista para o *Museu da Pessoa*, o escritor dar detalhes de sua entrada no meio literário:

Foi em São Paulo que eu conheci um amigo que eu gosto tanto, que é o Daniel Manduruku, um indígena que estava iniciando a carreira de escritor por intermédio de outras pessoas. E aí como abriram caminho para ele, ele também quis abrir caminho para mim. E foi assim, com as nossas conversas,

que me ajudou no meu primeiro livro, *Puratig: o remo sagrado*, um livro infantojuvenil. Desde então, agradeço muito a ele e foi assim que eu comecei a andar nesse caminho. É muito boa a oportunidade de contar às pessoas da cidade como é nosso lugar, onde as pessoas da cidade não tem muita ideia, tem muito preconceito, falta de informação de saber como que é, e é por isso mesmo que eu faço isso com prazer, de escrever e de mostrar (YAMÃ, 2008, s/p).

Numa ordem cronológica, é só em 2007 que um segundo escritor dessa etnia lança-se no mercado de livros. Trata-se de Roní Wasiry Guará, com a obra *O caso da cobra que foi pega pelos pés*. Além da atividade de escritor, é também professor, artesão e desenvolve trabalhos na área de preservação ambiental, manejo florestal e técnicas agrícolas na cidade de Boa Vista do Ramos – AM, onde reside atualmente. Como um dos intelectuais indígenas dessa etnia, Guará realiza palestras em todo o país sobre a cultura indígena, na tentativa de conscientizar sobre a importância do respeito aos povos originários. O autor representa em suas narrativas o imaginário de sua etnia ao fazer uso dos mitos, atrelando conhecimentos ancestrais e reflexões sobre os povos indígenas e meio ambiente.

Na sequência, em 2010, Elias Yaguakãg lança *Aventuras do menino Kawã*, pela editora FTD. Yaguakãg nasceu na aldeia *Yãbetue'y*, área indígena do rio Abacaxis. É especialista em grafismos indígenas, assim como artesão e escultor. Atua na causa indígena ministrando palestras sobre temática ambiental. Grande propagador da cultura Maraguá, vê na escrita uma forma de perpetuação para as novas gerações dos conhecimentos de sua etnia. O objetivo central de sua escrita e dos trabalhos como ilustrador é levar a cultura de seu povo para o leitor não indígena. Atualmente, mora na mesma

aldeia de nascimento, onde é professor do 1º ao 5º Ano e ensina a língua Maraguá para os mais jovens da aldeia (YAGUAKÃG, 2010).

Em 2011, surge a primeira escritora indígena da etnia, Lia Minápoty, com a obra *Com a noite veio o sono*, publicado pela editora LeYa. Nascida na aldeia *Yãbetue'y*, na área indígena *Maraguapagy*, no rio Abacaxis, é uma jovem liderança, que luta em prol das mulheres Maraguá, atuante e palestrante da causa indígena. Grande parte de suas obras são escritas para crianças. Em seu livro *Lua menina e menino onça* (2014), em que apresenta personagens fantásticos, ao apresentar sua obra, a autora fala da importância dos contos indígenas para os pequenos leitores:

Considero os contos de raízes indígenas como finas gotas de orvalho caindo da pétala de uma flor. Imagino que essas gotas sejam doces e, quando nossas almas as ingerem, alimentam-se de uma nobreza incrível e nos transporta a um mundo lindo e fantástico, onde a palavra cria corpo e ganha alma. Ali, todos temos poderes e somos levados a ingressar na natureza.

Meninos e meninas do meu povo trazem consigo esse mesmo pensamento. E nas noites enluaradas adquirem esse conhecimento, ao ouvir lindos contos, narrados por sábios contadores de histórias.

A sabedoria proveniente dos contos indígenas é sem igual. E a eles, quando crianças, nos apegamos (MINÁPOTY, 2014, p. 3).

Minápoty representa junto com outras escritoras indígenas das diversas etnias brasileiras, as vozes femininas nesse universo ainda desconhecido que é a literatura indígena. Além de escrever para crianças e jovens, trabalha com coleções de plantas e borboletas. Atualmente mora na Aldeia *Yaguawajarm*, onde leciona para os anos iniciais.

O quinto escritor da etnia é Uziel Guaynê, nascido na aldeia *Yãbetue'y*, em Nova

Olinda do Norte – AM. Além de escritor, é ilustrador e enfermeiro. Atualmente dá palestras sobre a temática indígena e trabalha na área da saúde do seu povo. Seu primeiro livro publicado em coautoria com Elias Yaguakãg, Roní Wasiry Guará e Yaguarê Yamã é *Maraguápéyára: história do povo Maraguá* (2014), lançado pela editora Valer. Pelo vasto conhecimento dos símbolos e mitos de sua etnia, ilustrou os livros *Wirapurus e Muirakitãs* (2009), *As pegadas do Kurupyra* (2009) e *Historinhas marupiaras* (2011), de autoria de Yaguarê Yamã.

Os autores apresentados produzem literatura em nome de uma coletividade, são sujeitos porta-vozes, que fazem de sua escrita um instrumento de propagação de suas visões de mundo. O objeto livro para esses escritores é um lugar de reconstrução da memória e manutenção das histórias de sua etnia. Seus livros são produzidos a partir dos saberes tradicionais repassados pelo ato de narrar. São saberes coletivos em que os informantes são os anciões, os velhos

contadores de histórias. É por meio do domínio da escrita, que passam a contar suas versões, apresentam seus mitos, seus símbolos e suas estruturas sociais.

O mapeamento das obras Maraguá

Com o intuito de divulgar a produção dos Maraguá, assim como fornecer mais informação sobre a produção literária dessa etnia, realizamos o levantamento das obras dos cinco escritores apresentados. Buscamos em *blogs*, teses, dissertações, *sites* de editoras e nas redes sociais dos autores. Suas obras são dedicadas em grande maioria ao público infantojuvenil, as temáticas são variadas envolvendo o universo mítico indígena.

Na tabela que segue, os livros estão organizados por ordem alfabética a partir do primeiro nome do autor. No que pertence ao conjunto de obras de um único autor, estas estão elencadas por ano de publicação.

Tabela 1: Produção dos autores indígenas Maraguá

AUTOR	TÍTULO	EDITORA E ANO
Elias Yaguakãg	<i>Aventuras do menino Kawã</i>	FTD, 2010.
Elias Yaguakãg	<i>Historinhas marupiaras</i>	Mercuryo Jovem, 2011.
Elias Yaguakãg	<i>Tykuã e a origem da anunciação</i>	Rovelle, 2013.
Lia Minápoty	<i>Com a noite veio o sono</i>	LeYa, 2011.
Lia Minápoty e Yaguarê Yamã	<i>A árvore de carne e outros contos</i>	Tordesilhas, 2011.
Lia Minápoty	<i>Tainãly: uma menina Maraguá</i>	Positivo, 2014.
Lia Minápoty	<i>Lua menina e menino onça</i>	Editorial RHJ, 2016.
Lia Minápoty e Elias Yaguakãg	<i>Yara é vida</i>	Kazuá, 2018.
Roní Wasiry Guará	<i>O caso da cobra que foi pega pelos pés</i>	Imperial, 2007.
Roní Wasiry Guará	<i>Olho d'água: o caminho dos sonhos</i>	Autêntica, 2012.
Roní Wasiry Guará	<i>Mondagará: traição dos encantados</i>	Formato, 2011.
Roní Wasiry Guará	<i>Çaíçú índé: o primeiro grande amor do mundo</i>	Valer, 2011.

Roní Wasiry Guará	<i>Árvore da vida</i>	LeYa, 2014.
Uziel Guaynê, Elias Yaguakãg, Roní Wasiry Guará, Yaguarê Yamã (Orgs.)	<i>Maraguápéyára: história do povo Maraguá</i>	Valer, 2014.
Yaguarê Yamã	<i>Mapinguary, o dono dos ossos: Contos indígenas de assombração</i>	Mercuryo Jovem, 2000
Yaguarê Yamã	<i>Puratig: o remo sagrado</i>	Peirópolis, 2001.
Yaguarê Yamã	<i>O caçador de histórias</i>	Martins Fontes, 2004.
Yaguarê Yamã	<i>Urutópiag: a religião dos pajés e dos espíritos da selva</i>	Ibrasa, 2005.
Yaguarê Yamã	<i>Sehaypóri: o livro sagrado do povo Sateré-Mawé</i>	Petrópolis, 2007.
Yaguarê Yamã	<i>Kurumi guaré no coração da Amazônia</i>	FTD, 2007.
Yaguarê Yamã	<i>Murūgawa: mitos, contos e fábulas do povo Maraguá</i>	Martins Fontes, 2007.
Yaguarê Yamã	<i>Wuirapurus e muirakitãs</i>	Larousse jovem, 2009.
Yaguarê Yamã	<i>O trotem do rio kãwéra e outros contos fantásticos</i>	Editora Imperial Novo Milênio, 2010.
Yaguarê Yamã	<i>A origem do beija-flor – guanãby muru-gáwa</i>	Peirópolis, 2012.
Yaguarê Yamã	<i>Um curumim uma canoa</i>	Zit, 2012.
Yaguarê Yamã	<i>Falando tupi</i>	Pallas, 2012.
Yaguarê Yamã	<i>Contos da floresta</i>	Peirópolis, 2012.
Yaguarê Yamã	<i>Formigueiro de myrakawera</i>	Biruta, 2013.
Yaguarê Yamã	<i>Pequenas guerreiras</i>	FTD, 2013.
Yaguarê Yamã	<i>Yaguarãboia: a mulher-onça</i>	LeYa, 2013.
Yaguarê Yamã	<i>Japii e jakami uma história de amaizade</i>	LeYa, 2014.
Yaguarê Yamã	<i>Morôgetá witã: oito contos mágicos</i>	Positivo, 2014.
Yaguarê Yamã	<i>Olhos do Jaguar</i>	Jujuba, 2014.
Yaguarê Yamã	<i>Meu pai ag'wã</i>	Editorial, 2017.
Yaguarê Yamã	<i>Kawré Guairy Bo: nossas lembranças especiais</i>	Cazuá, 2018.
Yaguarê Yamã	<i>A todos indígenas e aliados: Reflexões sobre o movimento indígena atual</i>	Cintra, 2019.
Yaguarê Yamã	<i>Guayarê: o menino da aldeia do rio</i>	Biruta, 2019.
Yaguarê Yamã	<i>Kawré Guiry'Bo: nossas lembranças especiais</i>	Kazuá, 2019.
Yaguarê Yamã	<i>Doze brincadeiras indígenas e africanas: da etnia Maraguá e de povos do Sudão do Sul</i>	Melhoramentos, 2022.

Fonte: Do autor.

A tabela acima vista pelo prisma quantitativo pode parecer pequena. Mas é preciso ressaltar que só há pouco tempo a escrita alfabética adentrou as aldeias, e se tornou um direito básico dos povos indígenas. Por fim, existem grandes possibilidades de que alguns títulos tenham ficado de fora da tabela. Não obstante, acreditamos que fazer esse levantamento contribuirá para futuras pesquisas, e para mostrar o quanto as etnias indígenas, em particular, os Maraguá, estão investindo na produção de seus textos.

A publicação: entre o mercado e os impasses

De modo geral, existe hoje uma grande procura das editoras por textos indígenas. Esses textos estão cada vez mais incorporados nas metodologias de ensino de culturas indígenas nas escolas. Nessa conjuntura, devemos pensar o que fez surgir esse interesse e quem está por trás dessas publicações?

De forma a responder essas questões, ousamos dizer que o interesse pela publicação dessas obras surge em conjunto com leis, planos e programas de alfabetização que pedem a inserção da temática indígena nas escolas. A título de exemplos, temos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008 e o Plano Nacional da Educação (PNE – decênio 2011-2020). Essas conquistas para os grupos indígenas são frutos de lutas intermediada por ativistas indígenas e não indígenas, assim como ONGs e associações de escritores indígenas.

Nesse contexto, os escritores Maraguá, assim como outros grupos, têm se beneficiado com essas conquistas. Eles estão presenciando suas obras serem escolhidas para compor programas educacionais, como o Programa Nacional Biblioteca da Escola

(PNBE). Lia Minápoty com a obra *Com a noite veio o sono* (2011) e Yaguarê Yamã com *Yaguarãboia: a mulher-onça* (2013) fazem parte do repertório de obras escolhidas por esse programa em 2014. O que em termos de representação traz visibilidade para suas produções e para a temática indígena, na tentativa de desnaturalizar velhas práticas educacionais que folclorizam a imagem do indígena.

Além do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), há também os concursos “Tamoios” e “Curumim”, ambos apoiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). O primeiro, criado em 2004, é direcionado a autores indígenas ou a quem possua filiação indígena, sua realização tem fortalecido a cultura indígena no país. Roní Wasiry Guará com a obra *Olho d’água: o caminho dos sonhos* (2012) venceu a 8ª edição do concurso. O segundo, criado em 2003, é direcionado para profissionais que trabalham com a promoção de obras literárias de autoria indígena.

Sobre os referidos concursos, a escritora e pesquisadora indígena Julie Dorrico (2019, s/p), nos diz que:

O contraponto está na atuação dos próprios escritores que promovem concursos literários, como o Curumim, que premia professores da educação básica que trabalha com literatura indígena na sala de aula, e o Tamoio, que busca novos escritores indígenas para somar ao movimento. Ambos, Curumim e Tamoio, são realizados desde o ano de 2004 sob direção de Daniel Munduruku, com apoio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) (DORRICO, 2019, s/p).

O mérito de incentivos às publicações dos escritores indígenas, de modo geral, estende-se também à ONG “Opção Brasil”, que desenvolve trabalhos sobre a cultura indígena e já promoveu parcerias para a publica-

ção de obras; à Associação DIROÁ, criada em junho de 2013 para o fortalecimento do movimento de escritores e artistas indígenas no Brasil e ao Instituto UKA, que promove encontros para debater o papel dos escritores na contemporaneidade (SANTOS, 2020).

Os incentivos citados acima e possivelmente outros que deixamos de citar estão dando visibilidade aos escritores indígenas e reforçando parcerias para a promoção dessa literatura. De modo mais particular, é a partir de todo esse cenário que a etnia Maraguá cresce em números de obras e escritores, mas é preciso discutir também as dificuldades e desafios impostos pelo mercado e pelo campo literário.

Entre o grande número de desafios que os escritores indígenas enfrentam, um deles está relacionado com as regras que regem o campo literário, resistentes ainda em considerar as narrativas indígenas como matéria literária. A luta desses sujeitos é contra as regras hegemônicas, porque para eles o significado de literatura vai além do que está escrito em manuais de literatura. Para a escritora indígena Márcia Kambeba (2018), há uma procura em conhecer a educação que vem das universidades para fazer desse conhecimento uma ferramenta não só de registro, mas também de informação. E diz ainda, que os escritores

Compreendem que é preciso escrever para estabelecer possibilidades de pensamento reflexivo, percebem a literatura como um instrumento de crítica e de compreensão de uma cultura que é receptiva e a utilizam para dar visibilidade à sua luta e resistência.

Na literatura indígena, a escrita assim como o canto, tem peso ancestral. Diferencia-se de outras literaturas por carregar um povo, história de vida, identidade, espiritualidade. Essa palavra está impregnada de simbologias e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como

sábios e guardiões de saberes e repassados aos seus pela oralidade [...]. A arte de escrever tem contribuído para que nas aldeias os povos catalogassem narrativas contadas pelos mais velhos e que, depois de serem transformadas em livro, as crianças na sala de aula conseguissem se imaginar nesse universo pela escuta e leitura dessas narrativas. Ela nos dá possibilidades para que, fora da aldeia, alunos e pessoas possam se aprofundar em determinado assunto ou mesmo saber como cada povo vive, resiste e defende seu território (KAMBEBA, 2018, p. 40).

É preciso agregar nos estudos de literatura essas novas formas emergentes. Mesmo com o posicionamento favorável de grandes críticos como é caso de Antonio Candido (2006), que entende por literatura, obras e atitudes que expressem certas relações dos homens entre si, e que tomadas em conjunto, simulem uma socialização dos seus impulsos íntimos. As literaturas de minorias ainda caminham na invisibilidade, como assegura a escritora indígena Márcia Kambeba: “muitos indígenas escrevem, mas poucos são os que conseguem fazer essa literatura circular, chegar nas grandes editoras e livrarias. A maioria desses escritos fica apenas no papel e os escritores na invisibilidade de sua obra” (KAMBEBA, 2018, p. 42).

A literatura indígena, seja a dos Maraguá ou das outras etnias brasileiras, se enquadram perfeitamente na visão de Candido (2006), posto que todo o sistema que compõe essas narrativas faz parte de um processo de comunicação pertencentes a determinados grupos, além disso, os escritores têm consciência de sua produção e do sentido que rege seu fazer poético. Portanto, é necessário a revisão de regras e conceitos que imprimem rótulos e fazem com que essas literaturas figurem em prateleira de temas folclóricos.

Ainda sobre o tema dos desafios, é preciso olharmos para a situação histórico-social desses escritores. Esse é um tema não menos importante que se bem observado implica diretamente em termos quantitativos na produção e no surgimento de novos nomes. Entre os Maraguá, diante dos aspectos bibliográficos dos escritores apresentados, foi possível perceber que todos possuem uma segunda profissão como forma de se autossustentar. Pierre Bourdieu (1996), já havia notado esse fato no contexto da França. Para o estudioso, a “profissão” de escritor ou de artista é uma das menos codificadas que existem; uma das menos capazes também de definir (e de alimentar) completamente aqueles que dela se valem e que, com muita frequência, só podem assumir a função que consideram como principal com a condição de ter uma profissão secundária da qual tiram seu rendimento básico.

Entre os escritores Maraguá, a profissão de professor e artista plástico é numerosa, o que justifica a discussão acima. Nesse sentido, é preciso dizer que o mercado editorial não oferece segurança financeira para esses indivíduos se dedicarem unicamente ao ofício de escritor. O que pode desestimular a classe e impedir o surgimento de novos escritores. Além da questão da remuneração, esses escritores ainda lutam contra a falta de estímulos das editoras comerciais do próprio Estado. A maioria de suas obras são publicadas pelas editoras comerciais do sul e sudeste do país, que demonstram grande interesse nos autores indígenas. Assim, entende-se que o trabalho dessas editoras tem sido importante para a divulgação da literatura Maraguá e de outras etnias. Daniel Munduruku, escritor reconhecido pela sua extensa produção, fala sobre esse recente interesse das editoras pelas obras indígenas:

Até dez anos atrás não se pensava que o índio podia escrever livro, no entanto, hoje isso é uma demanda, existem editoras que procuram autores indígenas. Elas estão aproveitando o momento econômico e o momento ideológico, que é o de colocar a temática indígena na escola. E quem é que pode falar disso? Existe uma compreensão das editoras de que é importante alimentar o mercado com literatura escrita pelos indígenas (MUNDURUKU, 2010, p. 12).

O interesse das editoras pela publicação das obras indígenas se limita às regiões mencionadas. Essa assertiva é confirmada pelo levantamento das obras Maraguá (Tabela 01). No Amazonas, Estado dos referidos escritores, apenas a editora Valer tem investido na publicação de obras indígenas. Um exemplo é o projeto da coleção “Nheengatu – narrativas indígenas”, que contribuiu com o registro de inúmeras obras de comunidades tradicionais. Quanto aos incentivos advindos do Governo do Estado do Amazonas, a etnia Maraguá não tem recebido, haja vista que o Estado só tem financiado obras de caráter pedagógico, como é o caso do Programa de Educação Escolar Indígena – Pirayawara, com projetos de ações, dentre os quais o Projeto de Formação de Professores Indígenas e Produção e Editoração de Material Didático-Pedagógico. Por isso, esses escritores dependem da ação de editoras de outros Estados.

Esses sujeitos produtores de literatura procuram outras formas para publicizar e divulgar suas obras. Um exemplo, são as redes sociais, que tem servido para a divulgação do pensamento indígena. Sobre as possibilidades de publicação, Dalcastagnè (2012) afirma que nos últimos anos, houve uma ampliação de espaços de publicação, seja nas grandes editoras comerciais, pequenas casas editoriais, em edições pagas, *sites*, *blogs* etc. Os escritores indígenas estão ocupando

muitos desses espaços, mas são poucos os que conseguem fazer essa literatura circular, chegar às grandes editoras e livrarias. No cerne dessa questão, assume especial relevância o pensamento de Márcia Kambéba (2018), sobre o número ainda pequeno de escritores, que tem feito da literatura indígena uma luta de resistência circulante, adentrando editoras e universidades. É preciso encontrar formas de promover novos escritores para que seus trabalhos cheguem aos espaços educacionais. Fazer essa literatura circular, é permitir que seus autores falem de suas realidades, suas cosmologias e de um universo ainda desconhecido.

Literatura como reivindicação de espaço e autoafirmação

Como já discutido, a produção literária dos Maraguá é, em sua maior quantidade, voltada para um público leitor não indígena em formação. Esse endereçamento é uma forma de dialogar com as novas gerações sobre a importância da cultura indígena em um país multicultural como o nosso. Desse modo, é a partir de uma literatura produzida com a intenção de mostrar outros mundos, que os Maraguá e outros grupos étnicos estão reivindicando espaço, fortalecendo suas identidades e registrando para a posteridade.

Esses escritores escrevem para se reafirmarem, para mostrar que a cultura indígena existe e resiste a muitas formas de apagamentos. Querem falar com legitimidade, mostrar outras formas de discurso. Nas palavras de Daniel Munduruku (2011, s/p):

É preciso interpretar. É preciso conhecer. É preciso se tornar conhecido. É preciso escrever – mesmo com tintas do sangue – a história que foi tantas vezes negada.

A escrita é uma técnica. É preciso dominar essa técnica com perfeição para poder utili-

zá-la a favor da gente indígena. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência. É demonstração de capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro.

O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral.

Munduruku (2011) sintetiza na citação acima, o que está acontecendo na atualidade, os escritores estão aprendendo outras formas de reivindicar, ou seja, enxergam na literatura uma forma de reversão da imagem de sujeitos representados e se colocam como protagonistas de suas histórias. Na visão de Almeida e Queiroz (2004), essa prática de produção de livros indígenas, nas últimas décadas no Brasil, tem adquirido, com a conjugação de vários elementos, tal visibilidade, que chega a iluminar o passado e o futuro dos usos da linguagem, no meio em que ela acontece.

Não se trata de uma invenção qualquer. Trata-se de uma deliberação política. Os escritores indígenas o fazem de um território imaginário, em que as coisas se renomeiam, no exercício da ocupação do solo simbólico. A escritura é coletiva porque é inscrição do que é comum, ou de um consenso em torno do “quem somos”. É política porque reordena a coletividade, valendo-se das palavras pelos seus representantes (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004, p. 197).

As narrativas indígenas, mais precisamente a dos Maraguá, apresentam estéticas diferentes – novas imagens, novas palavras, outras percepções de mundo, impedidas secularmente de serem expostas. Hoje, esses escritores aproveitam o espaço da literatu-

ra para apresentar suas poéticas e dialogar com sociedade sobre os saberes indígenas. Nesse momento em que esse novo formato de literatura começa a ganhar espaço, é preciso, como diz Dalcastagnè (2012), refletir sobre nossos critérios de valoração, entender de onde eles vêm, por que se mantêm de pé, a que e a quem servem. Conforme ainda a estudiosa, ignorar o surgimento dessas novas vozes é reforçar o papel da literatura como instrumento de distinção e hierarquização social, deixando de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório.

A entrada desses escritores no cenário literário e a reivindicação de espaço não se trata apenas da possibilidade de falar em nome de si e de uma coletividade – característica contemplada pela liberdade de expressão, mas refere-se a possibilidade de falar com autoridade, ou seja, o que está em voga para esses escritores é o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido (DALCASTAGNÈ, 2012).

Na visão de Graúna (2013), a produção desses escritores remete à auto-história de resistência, à luta pelo reconhecimento dos direitos e dos valores indígenas, à esperança de um mundo possível, com respeito às diferenças. Para a estudiosa, o reconhecimento desses aspectos perpassa pela contribuição de escritores e artistas que se empenham em transmitir e “traduzir” com apurada sensibilidade a poética de tradição oral dos povos indígenas no Brasil. Portanto, entendemos que o conhecimento das configurações literárias das obras indígenas, bem como de autores e obras representativas dos Maraguá, Potiguara, Munduruku, Sateré-Mawé, Ticuna etc., ampliam a visão de mundo dos leitores diversos e contribui para a expansão das fronteiras da literatura brasileira.

Considerações finais

A produção literária dos Maraguá, como vimos, ainda é recente, mas promissora. Seus escritores escrevem para divulgar e manter a cultura do seu grupo étnico viva. Atualmente com cinco escritores, a etnia é a maior produtora de obras indígenas no Amazonas. Além de produzir literatura, são líderes autorizados que militam em prol da causa indígena no Brasil. E fazem isso de forma inteligente quando constituem organizações e associações para fortalecer a busca pelos direitos básicos da etnia.

Dentre as muitas problemáticas envolvendo o escritor indígena, a situação histórico-social desses sujeitos deve ser sempre discutida, haja vista que a partir dos aspectos biográficos expostos ao longo deste trabalho, percebe-se ainda a necessidade de apoio que permita a dedicação desses sujeitos à produção de novas obras. Muitos precisam se desdobrar em outras atividades para suprir sua necessidade econômica. Uma problemática que acomete escritores indígenas e não indígenas em nosso país.

Com obras reconhecidas por programas federais, os autores Maraguá estão se tornando conhecidos nos espaços institucionalizados do saber. O que em termos de representatividade pode fortalecer a causa indígena e romper estereótipos que ainda persistem sobre as populações indígenas.

Na composição das narrativas Maraguá, os autores se valem das histórias míticas seculares, dos símbolos coletivos representados nos grafismos que ilustram os livros, entre outros elementos que remetem à ancestralidade. Nesse sentido, essas narrativas, mesmo que assinadas de maneira individual, mantêm estreita relação com os saberes coletivos da etnia. Os escritores

apenas emprestam seus nomes, são os porta-vozes de seus clãs.

A partir do levantamento feito das obras produzidas pelos Maraguá, é possível compreender que as editoras comerciais que estão publicando essas obras estão localizadas nas regiões Sul e Sudeste. Nessa conjuntura, mesmo com os incentivos recebidos de concursos, ONGs e programas federais, ainda é preciso políticas de incentivos e divulgação para que essa literatura figure ainda mais nos espaços educacionais e alcance um número maior de leitores.

Enfim, com base nas considerações sobre os escritores Maraguá é possível pensar a situação de quem escreve literatura indígena no Brasil. Os desafios são muitos para os povos indígenas que sempre estiveram à margem, mas aos poucos estão assumindo seus lugares de fala e a literatura tem sido um instrumento legítimo para isso.

Referências

- ALMEIDA, M. I.; QUEIROZ, S. **Na captura da voz:** as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica: FALÉ: UFMG, 2004.
- BOURDIEU, P. **As regras da arte:** gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia da Letras, 1996.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade.** 9^o ed. Ouro sobre azul: Rio de Janeiro, 2006.
- DALCASTAGNÈ, R. **Literatura brasileira contemporânea:** um território contestado. Vinhedo, Editora Horizonte / Rio de Janeiro, Editora da UERJ, 2012.
- DORRICO, J. A leitura da literatura indígena: para uma cartografia contemporânea. **Revista Igarapé**, Porto Velho. v. 5, n. 2, p. 107-137, 2018.
- DORRICO, J. **Panorama da literatura indígena brasileira:** entrevista com Julie Dorrico. 2019. Disponível em: <https://literaturars.com.br/2019/07/01/panorama-da-literatura-indigena-brasileira-entrevista-com-julie-dorrico/>. Acesso em: 15 de fev. 2022.
- GRAÚNA, G. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- GUARÁ, R. W. **Çaiçú'indé:** o primeiro grande amor do mundo. Manaus: Editora Valer, 2011.
- GUESSE, É. B. **Shenipabu Miyui:** literatura e mito. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014.
- KAMBEBE, M. W. Literatura indígena: da oralidade à memória escrita. In: DORRICO, J. et al. (Orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea:** criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. p. 39-44.
- MINÁPOTY, L. **Lua menina e menino onça.** Ilustrações de Suryara Bernardi. Belo Horizonte, RHJ editora, 2014.
- MUNDURUKU, D. Entrevista. Entrevistadora: Roma Gonçalves Lemos. Rio de Janeiro: **Pedagogia em foco**, 19 nov. 2010.
- MUNDURUKU, D. **Escrita indígena:** registro, oralidade e literatura. 2011. Disponível em: <https://emilia.org.br/escrita-indigena-registro-oralidade-e-literatura/>. Acesso em 02/03/2022.
- MUSEU DA PESSOA. **O saterê escritor:** história de Yaguarê Yamã (Ozias Glória de Oliveira). 2008. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/o-satere-escritor-44605>. Acesso em 21/02/2022.
- SANTOS, F. B. **Uma poética da floresta:** a narrativa indígena no Amazonas. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2020.
- SOUZA, L. M. T. M. As visões da anaconda: a narrativa escrita indígena no Brasil. **Revista Semear** n.7, 2003. Disponível em: http://www.lettras.pucrio.br/catedra/revista/semiar_7.html. Acesso em: 12 jun. 2020.
- THIÉL, J. **Pele silenciosa, pele sonora:** a literatura indígena em destaque. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- YAGUAKÁG, E. **Aventuras do menino Kawã.** São Paulo: FTD, 2010.
- YAMÃ, Y. **Murūgawa:** mitos, contos e fábulas do povo Maraguá. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

YAMÃ, Y.; YAGUAKÃG, E.; GUAYNÊ, U.; GUARÁ, R.
W. **Maraguápéyára**: história do povo Maraguá.
Manaus: Valer, 2014.

Recebido em: 09/05/2022

Aprovado em: 24/05/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.